Capítulo 56

O sistema da época moderna: a colonização européia

O processo de colonização durante os séculos XVI e XVII está ligado à expansão comercial e marítima européia, ao fortalecimento das monarquias nacionais absolutistas e à política mercantilista, que reflete a teoria do capitalismo comercial. Depois das especiarias das Índias Orientais, as atenções voltaram-se para as terras descobertas por Colombo e Cabral. Começa então a corrida colonial para o Novo Mundo.

O mecanismo de exploração orientou-se pela política mercantilista, dentro dos quadros do monopólio e do protecionismo. As variações decorriam basicamente da riqueza oferecida pela colônia. Os mecanismos gerais eram semelhantes. Historicamente, porém, podemos distinguir diferenças entre o tipo de colonização desenvolvido no Brasil por Portugal e aqueles que Espanha, Inglaterra, Holanda e França desenvolveram em suas colônias.

1. Portugal: açúcar e ouro

A exploração do Brasil realizou-se através da produção destinada ao mercado (*mercantil*), organizada com base no trabalho escravo (*escravista*) e voltada aos interesses da metrópole (*colonial*). Pioneiro na produção açucareira em ilhas do Atlântico, Portugal usou sua experiência para dar início a uma empresa agrícola na colônia brasileira, transformando-a em economia complementar, destinada a fornecer produtos para o mercado internacional. Três elementos eram fundamentais para esse tipo de exploração: dominação política da metrópole sobre a colônia; garantia de exclusividade do comércio colonial para Portugal; trabalho escravo.

O ouro descoberto nas Minas Gerais no século XVII superou o açúcar como principal produto e mudou a estrutura da economia colonial. Quando o ouro declinou, em fins do século XVIII, o açúcar voltou a ser a principal fonte de renda para Portugal, mas o período colonial estava perto de terminar.

2. Espanha: ouro e prata

Os espanhóis se atrasaram na corrida colonial em relação aos portugueses porque enfrentaram problemas com os mouros que dominavam a Península Ibérica. Começaram ocupando a Ilha de Hispaniola (Haiti), de onde partiram Fernando Cortez e Francisco Pizarro para a conquista do México aos astecas e do Peru aos incas. Os metais preciosos, em falta na Europa, sobravam na América do Sul.

A Espanha estabeleceu um sistema administrativo que visava o controle direto sobre a colônia, dividida em quatro vice-reinos: Nova Espanha (México e América Central); Nova Granada (Equador, Colômbia, Panamá e Venezuela); Peru (Peru, Bolívia e Chile); e Rio da Prata (Argentina, Uruguai ê Paraguai). O sistema colonial espanhol voltou-se unicamente para a obtenção de metais preciosos. A área mais importante era o golfo do México, o porto de Vera Cruz, de onde saíam ouro e prata rumo a Sevilha, cuja Casa de Contratação controlava o comércio colonial.

Índios locais e negros comprados aos portugueses trabalhavam nas minas como escravos. Os espanhóis disfarçaram a escravização indígena com o sistema de *encomiendas*: o proprietário das terras devia cristianizar os gentios e, em troca, tinha direito de receber deles um pagamento em trabalho.

Os espanhóis que vinham para a colônia gozavam de privilégios, em contraposição aos nascidos na América, os *criollos*.

3. Inglaterra: agricultura

Com espanhóis e portugueses concentrados na América Central e do Sul, os ingleses ficaram livres para explorar a América do Norte, o que passaram a fazer depois de viagens exploratórias de Giovanni Caboto, que chegou a Labrador, no Canadá.

Diferente da colonização espanhola, a dos ingleses teve caráter *ocupacional*, devido a vários fatores. O povoamento resultou de problemas políticos, religiosos e sociais. Guerras produziam descontentes, que fugiam da intolerância político-religiosa. Terra, símbolo de poder e prestígio, não faltava na América. Também homens do governo ou empreiteiros ligados ao Estado tentavam enri-

quecer, expandir o cristianismo e enaltecer a nação. E havia os infelizes, de vagabundos a criminosos, vindos por conta própria ou alugados para trabalhar no Novo Mundo.

Os ingleses, além de visar à riqueza, enxergavam que as colônias eram futuros mercados para as manufaturas da metrópole. Ouro e prata dos espanhóis, os melhores compradores dos ingleses, acabaram indo parar na Inglaterra. Mais tarde, o rompimento entre os dois criou a necessidade de novos mercados para os ingleses.

Duas companhias foram fundadas para explorar as colônias inglesas: a Companhia de Londres, que ficou com o sul; e a de Plymouth, com o norte. Tratava-se de um esforço oficial de ocupação das terras. No início do século XVIII já estavam delineadas as treze colônias da América do Norte. Pequenos proprietários, refugiados políticos ou religiosos, instalaram-se ao norte, nas colônias da Nova Inglaterra: Nova Hampshire, Massachusetts, Rhode Island e Connecticut. Uma região mais urbanizada se formou ao centro: Nova York, Nova Jersey, Pensilvânia, Delaware. No sul, Maryland, Virgínia, Carolinas e Geórgia, dominou a grande propriedade escravista produtora de arroz, tabaco e anil, para exportação.

Sobrava terra e faltava mão-de-obra. Artesãos europeus não queriam aventurar-se na América. A oferta de terra era o único estímulo capaz de atrair europeus para trabalhar em colônias mais pobres, como Nova Inglaterra, onde a pequena propriedade, a pesca e a produção de petrechos navais se constituíam nas atividades básicas. Adotou-se então a política de contratar trabalhadores europeus, com passagem paga, em troca de trabalhar para o patrão por alguns anos (geralmente sete). Eram os trabalhadores *resgatados*, porque recuperavam a liberdade após um tempo de trabalho forçado.

No sul, esse tipo de trabalhador era insuficiente. A alternativa foi a escravidão africana. O escravo aqui trabalhava o ano todo, ao contrário do norte, onde o trabalhador ficava inativo no inverno.

Do ponto de vista da política mercantilista, os ingleses não se preocupavam com as colônias. Faziam vista grossa ao contrabando, ao comércio entre elas e delas com as Antilhas francesas ou espanholas. A fiscalização do contrabando só se tornou mais rigorosa com a criação dos *tribunais marítimos,* em 1696, revelando a tendência policial da metrópole, que levaria as colônias à independência política.

4. Holanda: as companhias

As sete províncias do norte dos Países Baixos — Holanda, Zelândia, Utrecht, Gueldre, Overissel, Frísia e Groningue — formaram a República das Províncias Unidas depois de uma guerra contra a Espanha. O Tratado de Westfália, de 1648, reconheceu a independência. O novo Estado representou importante exceção na história política dos tempos modernos: antecipou em mais de um século a preponderância das formas republicanas de governo do século XX.

Uma assembléia de burgueses, clérigos e nobres formava o governo de cada província. Elas nomeavam o chefe de Estado, o *Stathouder*, membro da família de Orange, que detinha o Poder Executivo. Os *Estados Gerais*, compostos por delegados das províncias, assessoravam o Conselho de Estado.

Foi notável a expansão econômica dos holandeses. Contando com localização vantajosa, assumiram a hegemonia nos transportes marítimos após a crise comercial de Antuérpia, o declínio dos portos hanseáticos e do Báltico, e a decadência de Portugal e Espanha. Em tonelagem, tinham metade da frota européia na época. Para operar seu imenso tráfico mundial, criaram companhias de comércio e navegação, como a Companhia Holandesa das Índias Orientais (1602) e a Companhia das Índias Ocidentais (1621), especializada em traficar escravos nas Antilhas e a contrabandear com a América espanhola. Mercadorias de toda parte eram levadas para Amsterdã e reexportadas, gerando enormes lucros.

Fundando entrepostos ou mesmo povoações, os holandeses se espalharam pelos continentes. Instalaram-se no Nordeste do Brasil. Fundaram Nova Amsterdã, futura Nova York. Na África, fundaram entrepostos na Guiné e firmaram posição no Cabo. No Oriente, tomaram Ceilão e Malaca, constituindo um império marítimo nas ilhas de Sonda. Fundaram Batávia em Java e outros estabelecimentos na China e Japão.

5. França: colônias tropicais

Os franceses não reconheciam o direito de espanhóis e portugueses sobre o Novo Mundo nem se conformavam de ter chegado com atraso ao continente americano. Na América do Norte,

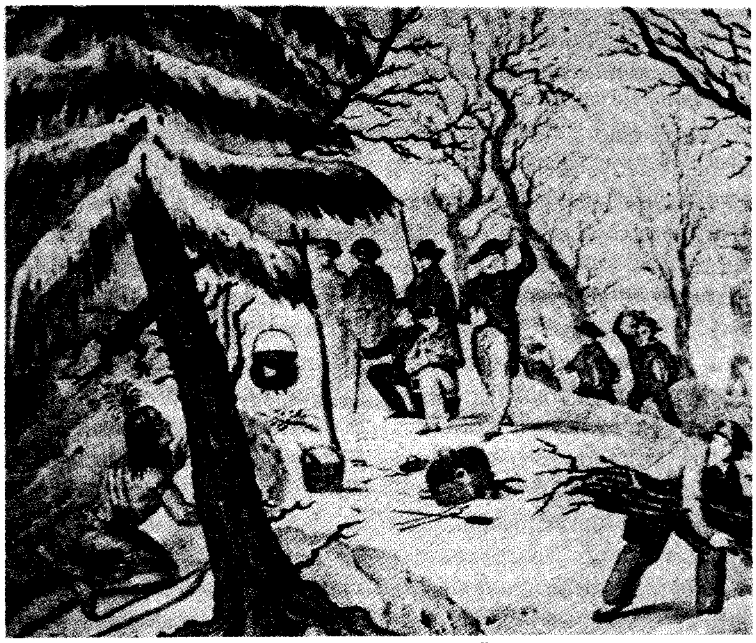
fizeram expedições exploradoras com Verazzano; mais tarde, Jacques Cartier descobriu o estuário do Rio São Lourenço e tentou colonizar o Canadá. Tentaram também colonizar a Flórida; e no Brasil, com Nicolau Durand de Villegaignon, tentaram fundar a França Antártica, no Rio de Janeiro (1555).

A Companhia Francesa das Índias Orientais, fundada por Colbert em 1664, disputou o Oceano Índico com holandeses, portugueses e ingleses.

Samuel Champlain, que fundou Quebec em 1608, iniciou a colonização na América do Norte. No Mississípi, os franceses estabeleceram a colônia de Louisiana. A ocupação de algumas ilhas do Caribe lhes deu importantes colônias tropicais.

Questões propostas

1. Que política orientou o mecanismo de exploração das novas terras descobertas no século XVI?
2. Resuma a colonização portuguesa.
3. Resuma a colonização espanhola.
4. Resuma a colonização inglesa.
5. Resuma a colonização holandesa.
6. Resuma a colonização francesa.



Desembarque dos peregrinos do navio *Mayflower*, que trouxe os primeiros colonizadores do território norte-americano.